



ABDIAS DO NASCIMENTO E PRICE-MARS : ETNOLOGIA COMO FERRAMENTA DE VALORIZAÇÃO CULTURAL

Clarens Chery *

Essa resenha, pretende abordar os termos da Antropologia e da Etnologia entre os imaginários afro-diaspóricos brasileiro e haitiano. Também beneficiará ao disseminação do conhecimento científico sobre o teatro e a dramaturgia, além de oferecer auxílio didático-pedagógico ao debate atual sobre a comparação da obra: “Dramas para negros e prólogo para brancos” uma antologia do teatro negro brasileiro, organizada por Abdias Nascimento e publicada no Rio de Janeiro, em (1961), pelo Teatro Experimental do Negro (TEN); da obra de Jean Price-Mars: “Ainsi parla l’oncle” (Assim falou o tio), publicado em (1928), do antropólogo, professor, diplomata e político haitiano, cujo trabalho antropológico examinou sobretudo a cultura e a religião populares haitianas, suas origens africanas e europeias, e sua relação com o colonialismo e a escravidão. Para o ambiente das pesquisas etnográficas as questões, os contextos políticos e sociais que permitem situar o surgimento de espetáculos folclóricos no cenário cultural de Porto Príncipe no período da Ocupação Americana.

Contendo fundamentação teórica, metodológica, discussão e comparação que atravessa a obra do dramaturgo/poeta/político Abdias Nascimento (14 de março de 1914, Franca, São Paulo - 23 de maio de 2011, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro) e Jean Price-Mars (15 de outubro de 1876, Grande-Rivière-du-Nord, Haiti - 2 de março de 1969, Pétienville, Haiti) em seus contextos da vida real para compreender como pensam, sentem, vêem e atribuem significados simbólicos para a realidade, corporeidade e relações interpessoais. Como e por que homens e mulheres fazem coisas, por quais motivações profundas algumas pessoas são levadas a agir. O que eles pensam quando realizam ou passam por certas práticas.

Nesse sentido, a etnografia também se apresenta como uma experiência de troca e de semelhança. A pesquisa etnográfica é algo que se aprende fazendo, não basta estudá-la nos manuais. Em vez disso, é desejável que o olhar antropológico da avaliação esteja disposto a mostrar a construção do negro na América. Não é por acaso que se diz que quando não se vai em busca de informações na fonte principal, outras narrativas repentinas podem ocorrer. Aqui, neste sentido, o saber etnográfico desses dois ativistas suscita a abertura da pesquisa no cenário atual.

Durante as décadas de 1930 e 1940, o Haiti tornou-se uma encruzilhada e um terreno de investigações para etnólogos haitianos, americanos e franceses. O Indigenismo Haitiano ou Movimento Indigenista (1915-1945), e a antropologia cultural daquela época certamente foram cruciais para essa valorização do folclore, os contos e as simbologias que fazia parte das relações de poder que então percorriam a sociedade haitiana. O Haiti foi a Cuba do século XIX: sofreu um bloqueio econômico das potências e não tinha nem dinheiro nem tecnologia para continuar produzindo o açúcar, o café e outros produtos agrícolas que exportava até sua independência. E coincidência destacada pelos cubanos em número especial da revista Casa de las Américas (2003) dedicado ao Haiti: ambas as revoluções têm como data festiva o primeiro de janeiro, com uma diferença de 155 anos. Com efeito, a independência haitiana foi proclamada em 1804 e o novo governo cubano assumiu em 1959.

Há uma real dificuldade de se criar um imaginário haitiano quando tudo o que faz parte de seu cotidiano, de suas expressões emocionais, de suas experiências vividas, é recalcado. A literatura procurou então exprimir a alma nacional através dos discursos que se impunham, o discurso da raça e a rememoração da revolução de 1804. Contudo, a tendência essencialista do culturalismo reforçou esta imagem de culto como sendo o atributo natural de uma população camponesa e trabalhador marginalizado. A inclusão do vodu num quadro nacionalista, da qual ecoou a reconfiguração da

* Clarens Chery é pesquisador vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com atuação nas áreas de antropologia, literatura e pensamento caribenho. Desenvolve pesquisas críticas sobre colonialidade, negritude, panafricanismo e epistemologias afro-diaspóricas.

historiografia haitiana, é concomitante à sua estetização no campo das letras e das artes. O culto foi apreendido pelos seus promotores intelectuais, indigenistas e negristas, como vetor de valor agregado, tanto estético como político, o que fazia parte da afirmação de uma consciência popular negra. Feridos pela Ocupação Americana (1915-1935), muitos intelectuais haitianos se engajaram na resistência, ao menos moral, por meio de obras de tom patriótico, passíveis de despertar a consciência nacional.

Assim Falou o Tio/Ainsi parla l'oncle (1928) de Jean Price-Mars é um ensaio científico e didático (etnográfico, sociológico, antropológico...) que marcou a época, pois concilia todos os componentes da realidade haitiana, inclusive os mais contraditórios, e promove para cada haitiano uma melhor aceitação do seu "eu". Jean Price-Mars contribuiu para a cultura da "mistura". As relações da nação com o território, a raça, a cultura, a vontade, para destacar somente alguns aspectos, têm que ver com a discussão acerca do que é, como se formou o ser nacional, e elucidar em que consistem e quais têm sido os seus papéis. Ao enfrentar esses desafios que provocam uma disputa interminável entre os intelectuais, Jean Price-Mars atuou com astúcia e cautela. Sua experiência profissional e acadêmica, unida à crise provocada pela intervenção militar estadunidense conformaram as lentes com as quais o intelectual haitiano pensou a questão nacional. Nesta pesquisa se discute como Price-Mars abordou o tema da nação durante os primeiros anos da ocupação e como ele se comprometeu em reconstruir um novo nacionalismo haitiano capaz de tornar possível o restabelecimento moral do povo e a restauração da independência haitiana, fazendo um apelo especial às elites do país que haviam perdido sua vocação como organizadoras e dirigentes do coletivo social.

A "Drama para negros e prólogo para brancos" além de trazer textos teatrais completos de diversos autores, questiona qual seria o lugar do negro na construção da história do teatro brasileiro junto ao engajamento do grupo Teatro Experimental do Negro não só como grupo artístico, mas também um expoente de militância antirracista dentro do movimento negro entre as décadas de 1940 a 1960. O espetáculo contava a história de um escravo negro que havia cometido um assassinato e fugira para uma das ilhas das Antilhas. Posteriormente, o personagem se deixava seduzir pelo poder econômico e, por ascendendo socialmente, acabava escravizando outros negros. A peça apresentada em Lima teria chamado a atenção de Abdias Nascimento por ser estrelada por um ator branco pintado de tinta preta, prática hoje conhecida pelo termo 'blackface'. Tal situação provocou não apenas sua indignação, mas também a percepção da realidade teatral brasileira. Ao escrever Dramas para negros e prólogo para brancos, Abdias Nascimento não tinha apenas a intenção de construir uma antologia do teatro negro brasileiro, reunindo obras com essa temática, mas também a de valorizar as ações e contribuições realizadas

pelo Teatro Experimental do Negro na cena teatral. Assim, o livro reúne nove textos teatrais que foram escritos e encenados pelo TEN entre 1947 e 1949. Nele, estão presentes os textos "O filho pródigo", de Lúcio Cardoso; "O castigo de Oxalá", de Romeu Crusoé; "Auto da noiva", de Rosário Fusco; "Sortilégio", de Abdias Nascimento; "Além do Rio", de Agostinho Olavo; "Filhos de santo", de José de Moraes Pinho; "Aruanda", de Joaquim Ribeiro; "Anjo negro", de Nelson Rodrigues; e "O emparedado", de Tasso da Silveira. Além dos textos teatrais presentes, o que mais nos interessa nesse momento é o prólogo escrito por Nascimento sobre a história do teatro brasileiro e sua relação com o teatro africano e a história dos negros no país. Percebemos, portanto, que, nesse período e dentro do TEN, a cultura negra era tida como uma cultura tipicamente brasileira, que visava ao fortalecimento da integração dos negros na sociedade brasileira, que se daria por meio da elevação de um nível cultural, alcançada também através da arte.

A problematização inicial para esta pesquisa veio através de uma pesquisa anterior sobre o estudo literário sobre a obra Governadores do Orvalho (1954), que promovia o movimento indigenista haitiano do realismo ao maravilhoso, obra Apresenta-se um breve panorama da literatura haitiana nos séculos XIX e XX para entender como se dá a resistência do povo haitiano através da análise das narrativas literárias indigenistas. O folclore haitiano é frequentemente transmitido na forma oral. Cabe relatar que, na consciência haitiana, os marcos culturais são apresentados na forma de crenças, de símbolos, de ritos e danças. Poderíamos dizer, em termos técnicos, que essa cosmovisão mostra o momento em que tanto Abdias como Price engendram elementos da teoria e da metalinguagem da música. Com efeito, o canto tem um papel qualitativo, distinto da simples capacidade de repetir feitiços melódicos, característica das suas artes.

Contos e folclore no Haiti

Para chegar ao ouvinte, Price devia ter uma clara consciência dos parâmetros musicais e suas propriedades expressivas. Os contos no Haiti geralmente são relacionados com animais com o intuito de passar uma lição qualquer da vida terrestre. Embora tragam ensinamentos morais e de sobrevivência. Nelas, os animais falam e cada espécie tem virtudes e defeitos humanos, como ganância, ciúme e solidão. Na verdade, os personagens podem ser animais, humanos ou uma combinação dos dois. Os contos folclóricos no Haiti são fonte de inspiração para muitos escritores, especialmente mulheres, cujas obras são voltadas para crianças na pré-escola, primária e até mesmo no ensino médio. Inspirados nessa herança crioula, mistura das culturas francesa e africana na América, esses autores tecem uma teia de gestos patrimoniais, formados a partir da fibra dos dialetos regionais, dispostos em uma tela de imaginação mágica. Eles contribuem de forma original e diversificada para o

desenvolvimento de uma Francofonia nova, dinâmica e inclusiva. Os contos populares têm um papel importante na preservação de culturas e variantes dos mundos africano.

Desde 1915, houve em 1825 o retorno do Haiti à dobra cultural e até mesmo à órbita política e econômica da França, e que então 1915 pode ser considerado como a conclusão deste movimento de retorno. Ano da ocupação militar do Haiti pelos fuzileiros navais dos Estados Unidos da América, 1915 marca de certa forma o ponto terminal de um movimento circular equivalente ao apagamento do gesto de 1804. A partir de 1836, formou-se o grupo Cénacle, com os poetas Ignace Nau (1808-1845) e Coriolan Ardouin (1812-1838). Mais tarde Oswald Durand (1840-1906), Massillon Coicou (1867-1908) pretendem este movimento. A produção teatral também é rica e importante, paralelamente ao surgimento de melodrama na França. Todos os gêneros estão representados: drama em prosa, tragédia, comédia e as obras refletem os acontecimentos atuais e a evolução dos costumes.

Idealismo do Teatro Experimental Negro (TEN)

Percebemos, portanto, que, nesse período e dentro do TEN, a cultura negra era tida como uma cultura tipicamente brasileira, que visava ao fortalecimento da integração dos negros na sociedade brasileira, que se daria por meio da elevação de um nível cultural, alcançada também através da arte. Para Muller, as tentativas de um “novo fazer teatral” do TEN estariam vinculadas inevitavelmente a padrões retóricos de um teatro “tradicional e clássico”, confirmado pelo uso do palco italiano, na ênfase ao diálogo e o contato com os ideais que buscavam a modernidade teatral nesse contexto. Assim, as reminiscências africanas se restringiram a apenas algumas montagens devido às dificuldades de transposição, para esse modelo de teatro, dos recursos próprios, e se tornaram apenas visuais e ambientais.

O Teatro Experimental do Negro não é nem uma sociedade política, nem simplesmente uma associação artística, mas um experimento psicossociológico, tendo em vista adestrar gradativamente a gente negra nos estilos de comportamento de classe média e superior da sociedade brasileira (ABDIAS.1999).

O departamento a que se refere Abdias Nascimento foi criado em 1950, chamado de Conselho Nacional das Mulheres, e tinha como foco integrar a mulher negra na sociedade, abordando seus problemas e perspectivas de melhores condições para si e seus filhos. Liderado por Maria Lurdes Nascimento, na época esposa de Nascimento, o departamento contava também com o auxílio de Guiomar Teixeira Matos, Guerreiro Ramos, Mercedes Batista e Milka Cruz. Além de abarcar as demandas das empregadas domésticas, o projeto ministrava aulas de teatro e ballet para crianças. Os

objetivos do departamento criado dentro do TEN são abordados na matéria realizada pelo jornal Quilombo em 09 de maio de 1950, onde fica clara, mais uma vez, a consonância com os propostos desde a criação do TEN: “lutar pela integração da mulher negra na vida social, pelo seu levantamento educacional, cultural e econômico.

Diante do exposto, Abdias e Price estão cientes de que não falam apenas por si mesmos, o afro-brasileiro e o afro-caribenho se transformam em porta-voz do povo negro. Para eles, o ato de escrever e atuar não é um ato individual, pensavam também na coletividade. Esta noção de intertextualidade apela para a análise porque já tem uma história entrelaçada entre os ativistas, de modo que pode-se observar que definição ou representação das africanidades se referem aqueles que a valorizam.

Por que a necessidade de resgate histórico por Abdias do Nascimento?

Para iniciar este tópico, embora as principais referências que se coloquem para as reflexões sobre representação sejam Abdias do Nascimento (1961) e Price Mars (1928) como base de análise. Neste contexto de resgate histórico, vale lembrar que a história da África e da Diáspora somente começou a ser escrita por historiadores africanos e afro-brasileiro só a partir de meados do século XX. As narrativas anteriores se situavam na tradição eurocêntrica e se diluíram na dimensão culturalista dos “estudos africanos” tanto na Europa quanto nas Américas. A teoria social negro-africana continua invisibilizada nos debates acadêmicos, especialmente no Brasil, país racializado desde os primórdios da economia-mundo, isto é, a partir do século XVI.

A história é uma ciência humana que anda à procura de um certo grau de certeza chamada moral ou de probabilidade que lhe permita reconstituir e explicar o passado do homem. [...] Mas aqueles que pretendem ser cientistas e que olham para a história como um líquido incolor, inodoro e sem sabor, de laboratório em vez de reconhecerem como um rio vivo, aqueles que, porque alinham alguns silogismos baseados em certas descobertas esparsas, falam sobranceiramente de ciência, ou são ingênuos ou medíocres. Imaginam abraçar a musa Clio, quando apenas manipulam uma musa desencarnada (KI-ZERBO.1972).

Em seu livro de poesia, *Argila da Memória*, publicado em 1962, o poeta brasileiro Clóvis Moura faz essa imersão no tempo e na memória, passando pela infância, pelas vozes coletivas de sua experiência. Já em *História do negro brasileiro*, de 1989, Moura, conforme atesta Fábio Oliveira (2011, p. 55), vale-se do conceito de quilombagem para explicar que o quilombo atuava “como unidade básica do processo de resistência do negro, articulava-se a outras formas de luta, como as insurreições

urbanas da Bahia, durante o século XIX, e a revolta dos malês, em 1835 [...]". Para o escritor, o quilombo era um movimento de rebeldia e resistência organizado pelos próprios escravos. Dessa maneira, Moura propôs uma revisão crítica sobre o pensamento de Gilberto Freyre, em que este afirmava a passividade do negro no Brasil.

A toda essa falange arrogante que proclama que o homem negro está destinado a servir de estribo ao poder do homem branco, a essa antropologia mentirosa, eu terei o direito de dizer: Não, não é uma ciência! [...] O egoísmo e a imoralidade da raça branca será ainda para ela, em sua posteridade, motivo de vergonha e arrependimento (Firmin, 1885, p. 59).

No entanto, ao desconsiderar as múltiplas identidades que têm lugar no continente africano, e até mesmo as muitas culturas que se constituíram ao longo dos anos nesse território, procurando engessar a origem e a identidade sob a égide biológica de seu conceito de raça, o historiador dificultou a aplicação de sua análise. A própria escolha do Egito como civilização negra por excelência atingia muito mais a academia europeia do que as populações africanas, com identificações regionais muito mais fortes. Não se deve negar o mérito, inclusive político, que suas teorias possuem, mas suas buscas por uma adequação das identidades de África e do africano em categorias estanques e empiricamente verificáveis são e devem ser alvos de críticas necessárias (BRESCIA. 2010).

O racismo foi o responsável pelo que Anta Diop chamou de moderna falsificação da história. O século XIX foi o século de consolidação do domínio europeu sobre os povos africanos. Para este domínio, que se iniciou no século XV, ser concretizado não bastava armas. Foi preciso uma ideologia que justificasse toda a violência e brutalidade da colonização (BENEDICTO, 2010 p. 4).

Abdias Nascimento já foi descrito como o mais completo intelectual e homem de cultura do mundo africano no século XX. À frente do TEN, Abdias mantinha contato com os movimentos de libertação africanos e com o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos. Ele e os artistas e intelectuais associados ao TEN eram os principais, talvez os únicos, partidários no Brasil do movimento da Negritude liderado por Léopold Senghor, Aimé Césaire e Léon Damas. Entretanto, eles foram excluídos da delegação oficial brasileira ao 1º Festival Mundial das Artes Negras (FESMAN), realizado no Senegal como afirmação internacional do Presidente Senhor do valor da cultura africana e da Negritude. A Carta Aberta a Dacar, escrita por Abdias Nascimento, denunciava o processo que levou a essa exclusão e foi publicada na prestigiosa revista "Présence Africaine". Trata-se do primeiro protesto de um intelectual afro-brasileiro a ser

ouvido por um público africano mundial contra a discriminação racial no Brasil.

Abdias vai às origens deste Negritude, da Antiga Civilização Negra Egípcia, e chega à produção dramática brasileira do século XX, sem deixar de lado a estrutura e formação do melodrama brasileiro. Para analisar a presença do negro no contexto teatral brasileiro, ele usa como exemplos autores como Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Martins Pena entre outros. Porém a sua projeção de teatro negro se enquadra melhor a um teatro que tenha a presença de atores negros, caracterizado pela participação de um diretoria negra (IPEAFRO.2004).

No mercado de trabalho da área teatral, para o qual voltamos nosso interesse, há pouca probabilidade de ascensão social para o negro. Quando ele aparece, raramente tem o papel de protagonista. Como bem explica a atriz Ruth de Souza, o teatro com atores negros é marginalizado: "O ator negro quase não está no palco e, quando está, tem papel subalterno. Ora, quem quer fazer um teatro com atores negros é logo classificado de alternativo. Eu sei, porque já tentei realizá-lo, e as pessoas me diziam que só patrocinavam o teatro convencional. E por quê? O negro é uma coisa alternativa? Sem produção, como montar um espetáculo? O negro, sempre presente nos espetáculos teatrais durante o período colonial, foi excluído dos palcos brasileiros somente a partir da metade do século XIX.

Quando o teatro deixou de ser sinônimo de marginalidade, os atores negros foram substituídos por atores brancos devidamente pintados de negro. Sem espaço nos palcos tradicionais e na sociedade pós-abolicionista, o negro teve que se organizar para poder aparecer tanto como ator de teatro quanto como ator social e político. A existência da Companhia Negra de Revistas, fundada em 1927, no Rio de Janeiro, pelo maestro Pixinguinha e por Osvaldo Viana, apesar de ter revelado Grande Otelo, não possibilitou o aparecimento de outros atores negros, já que a companhia não sobreviveu. Grande Otelo, além de ter sido sempre enquadrado em papéis cômicos, ficou como um caso isolado de ator negro no teatro e no cinema da época. Na própria dramaturgia brasileira, era difícil encontrar uma personagem negra que não fosse cômica ou ridícula. Há de se admitir que os excluídos de um modo geral não eram tema da dramaturgia brasileira do século XIX e do início do XX, o que se pode entender, pelo fato da mesma encontrar-se ainda num estágio incipiente àquela época. Porém, os atores negros estavam presentes como escravos ou empregados, no pano de fundo das peças, para conferir veracidade ao quadro geral das tramas. Contudo, dificilmente eram protagonistas e, quando o eram, assumiram papéis abjetos (AFRO-ÁSIA, 2001 p 313-363).



Na foto: Helba Nogueira, Heloisa Hertz, Matilde Gomes, Lela Garcia e Abdias Nascimento

Resumo das peças, por Leda Maria Martins

O filho pródigo, de Lúcio Cardoso, abre a antologia. De tons intimista e dicção mais literária do que teatral, a peça pode ser lida como uma alegoria poética, por meio da qual o drama do estigma da cor e da raça pulsa todos os embates e dilemas de uma família negra de referências arquetípicas bíblicas, em uma atmosfera sombria, composta por uma trama que se localiza em um espaço-temporal mítico e místico, quase como uma fábula ou parábola metafísica. [...]

Já em O castigo de Oxalá, de Romeu Crusoé, o protagonista Raimundo, um jovem negro, tenta resolver suas questões identitárias e de afirmação como negro, voltando-se contra a religião do candomblé e se tornando, com determinação e resiliência, um próspero comerciante. [...] Envolvido pela trama da antiga namorada negra, Rita, e de Ernesto, antigo cafetão de sua mulher branca, Raimundo é vítima das diabólicas ações de seus desafetos, perde seus bens, incendiados por seus inimigos, e, tal qual Otelo, consumido por suspeitas infundadas e ciúmes, assassina a esposa que diz amar. [...]

Em Auto da noiva, de Rosário Fusco, a comicidade da trama ligeira, como farsa, torna risível e ridiculariza os ideais de embranquecimento, tornando-o um mote caricato, continuamente desacreditado pelas falas, versos e cantos irônicos do coro e da Filha, risíveis, que, pela repetição farsesca, o ridicularizam, deslegitimam e desconstruem como máxima. O ritmo frenético das ações, a tessitura simplificada da linguagem, as falas e situações paródicas, os personagens-tipo, quase circenses, sem nome e sem profundidade psicológica, produzem uma comicidade de picadeiro, de humor satírico. [...]

Em Sortilégio, mistério negro, Abdias Nascimento recria o trio amoroso exemplar: o homem negro que despreza a mulher negra, elegendo como esposa a mulher branca. Advogado, Emanuel observa que seu título pouco vale para defender Efigênia, sua jovem namorada negra, vítima dos abusos e estupro do homem branco. Seu posterior desprezo, desdém e repúdio de Efigênia, que passa a se prostituir, vem na mesma medida de sua reflexão sobre a esposa branca, Margarida. Seus ciúmes e desconfiças de uma suposta traição, nunca confirmada (à la Otelo), terminam com o assassinato da esposa, uma outra vítima imolada no altar dos efeitos das

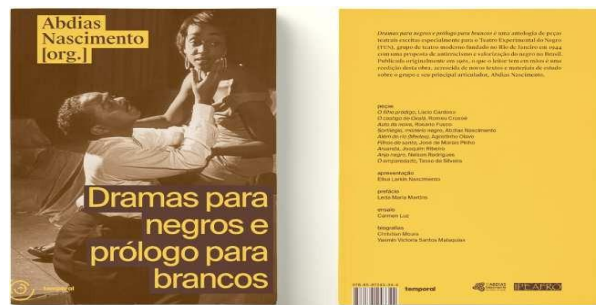
práticas do racismo e da misoginia ali refletidas e determinantes nos desfechos das personagens. [...]

Como em Sortilégio, acompanhamos em Além do rio (Medea) [de Agostinho Olavo] a autoconscientização da persona negra, o abandono da máscara branca e a eleição da postura revolucionária, que vão guiar suas novas atitudes e ações insurgentes. Uma recriação dramatúrgica preciosa do mito de Medeia e da tragédia de Eurípedes. Filhos de santo, de José de Moraes Pinho, nos apresenta personagens negros e brancos submetidos aos tensionamentos raciais e de gênero que se enovelam em conflitos intransponíveis e fracasso das relações romancescas. A complexidade das relações raciais se postula no enredo de tensionamentos no âmbito de uma família negra. [...]



Emílio Paroli, Aparecida Bitencourt (sentada no chão), Marina Gonçalves (na cadeira), Abdias Nascimento, Neliã Santos e Ruth de Souza em ensaio da peça Auto da noiva, de Rosário Fusco. Direção: Abdias Nascimento. Cenário: Tomás Santa Rosa. Teatro Pênia, Rio de Janeiro, 1947. Acervo Abdias Nascimento / IPEAFRO. © José Medeiros

Aruanda, de Joaquim Ribeiro, apresenta o cômico e o dramático no tratamento da negrura, destacando uma caricatura ou construção exagerada do negro, através do candomblé, evidenciando um tipo de exótica teatralidade baseada no fomento do estereótipo e da subcultura. Anjo negro, de Nelson Rodrigues, configura um modo surrealista e crítico da perspectiva racista e de gênero. O protagonismo negro e feminino emerge como uma revisão crítica e deformadora das tradições e ideologias do patriarcado, no que se refere à sexualidade e à negrura, expostas nas relações amorosas e sociais com uma dramatização do negro e feminino, que extrapola a moralidade e o moralismo social. [...] O emparedado, de Tasso da Silveira, homenageia o poeta Cruz e Sousa, tendo como foco o tema da frustração e da alienação do protagonista negro, em uma narrativa que entrelaça elementos realistas e simbólicos, e que expõe o tema da negrura e da marginalização em sua representação dramática e estética.



Folclore; oralidade e etnográfica tradicional de Price

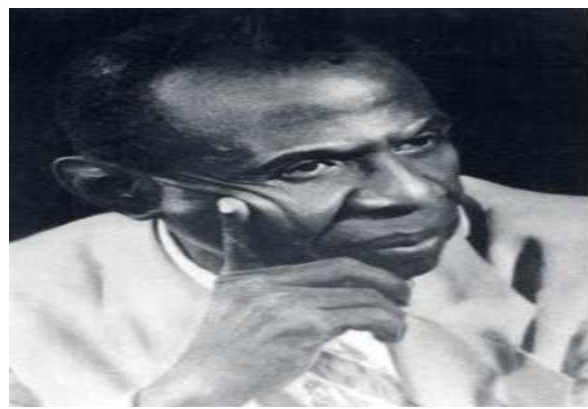
O lugar do “Lakou” no Haiti ocupava essa mesma função de convivência e de resistência. Quanto ao lakou como unidade de reprodução, este se estrutura enquanto uma variedade de arranjos familiares que vão além de uma ideia de família nuclear. São particulares às relações familiares que configuram o lakou: o cuidado com os filhos, a transmissão da moral, a participação em ciclos de dádiva e troca, a observância de certas responsabilidades para com os familiares mais velhos, os vizinhos, os mortos e os espíritos da família (lwa e jany/ orixás e guias) e a atenção a certos princípios de herança. Cabe ressaltar que o parentesco é cognático e egocentrado e a memória geracional avança, normalmente, até duas gerações acima de ego. A noção de um compartilhamento de substâncias dos pais para a criança é baseada na ideia de “sangue” (san) em que o sangue mais forte é o que leva a criança a se parecer mais com um dos pais, como me relataram em campo, resumido na expressão “nou se menm san” (nós somos do mesmo sangue). Nisso, o que está em jogo não é o sangue enquanto uma metáfora biológica do parentesco expressando uma proximidade relacional, mas o san é antes uma totalidade compartilhada que constitui os corpos de pessoas em comum (BULAMAH. 2013).

O vodu entra na linha de uma cultura popular. Esta última comporta uma consistência própria. É produto de resistência a uma série de agressão cultural e de desapropriação das forças simbólicas. Por exemplo, a língua crioula, a música, dança popular, cerimoniais religiosos em casa, literatura oral (folclórico), contos, lendas, provérbios, pinturas e outros. Nesta parte, a reflexão volta-se às características fundamentais do pensamento religioso na expressão cultural afro-haitiana. Trata-se de apresentar os elementos que contribuíram na construção das ideias, dos conceitos e das noções da cultura afro-haitiana. Esses elementos podem assumir postura ou mentalidade de povos primitivos ou povos civilizados. Por povos primitivos entendem-se os grupos sociais que “tanto para a aquisição de seus alimentos, como para os demais meios de vida se utilizam de recursos apenas rudimentares e possuem um conhecimento muito superficial dos processos naturais” (CHARLES.2023). Há uma visão cosmocêntrica e uma visão antropocêntrica tanto sobre as doenças como também sobre a morte. Sucintamente se apresentarão essas duas visões. Num primeiro momento, a investigação averiguar a visão cosmocêntrica tendo em vista três elementos, que são comuns na realidade afro-haitiana: classificação, experiência e agir. Na cultura afro-haitiana, o ser humano é entendido como uma forma de energia particular condensada, extraída do grande cosmos e do ser universal cósmico. Assim, a função primária do ser humano é manter uma sinergia harmoniosa com a energia universal, enquanto que no plano antropocêntrico o ser humano está no centro do universo imperfeito que deve compreender, controlar, transformar e explorar. Na concepção afro-haitiana, no plano cosmocêntrico, a pessoa possui quatro dimensões.

Estas são: o corpo, a sombra, bom anjo maior ou alma maior, bom anjo menor ou alma menor (gro bonanje ak ti bonanj). Enquanto que no plano antropocêntrico a pessoa possui duas dimensões: corpo e espírito. Esses termos serão tratados com mais propriedade quando abordada a expressão da morte na cultura afro-haitiana. Podemos, portanto, realmente falar de uma estética política do vodu, na medida em que a imagem que o recebeu serviu a interesses políticos. No entanto, a matéria-prima de esses entretenimentos eram extraídos da sociedade rural, mas os camponeses não eram os destinatários dos desdobramentos econômicos gerados por essa estética política do vodu. Além disso, essas tropas eram lideradas por membros da elite haitiana e os artistas que encenaram canções e danças inspiradas no vodu foram elevados à categoria de embaixadores da cultura haitiana. Essa tarefa não poderia camponeses ou para “oungan e manbo / sacerdotes do vodu” de origem social modesta, como o sonho retardar as palavras do diretor de uma escola de dança onde alguns dos alunos se apresentam residentes no exterior.

A encenação do folclore fazia, portanto, parte das hierarquias sociais haitianas. Um bom número de escritores opta por uma língua francesa cada vez mais moldada pela respiração, pelo ritmo e pelas imagens da oralidade crioula. A identificação do escritor com o seu herói ficcional popular é mais perceptível: um texto mais emocional que às vezes pode dar origem a bons sucessos. A ditadura de François Duvalier de 1965, ainda que não tenha esgotado a inspiração dos escritores, reduziu a nada sua liberdade de expressão. Foi assim que muitos deles se exilaram parcial ou totalmente no Canadá (possivelmente nos Estados Unidos), na França ou na Bélgica. O exílio e a expatriação contribuem para modificar os dados da criação literária haitiana, que tende a se diversificar cada vez mais. A partir de 1980 domina a liberdade de criação. Escritores haitianos, de acordo com sua relação com o crioulo, de acordo com os lugares onde escolheram viver, de acordo com sua relação com seu meio social ou com sua terra natal, individualizam sua jornada como criadores, dando origem a estilos cada vez mais variados.

Assim falou o tio por Behique Dunama



Winston James descreve Price-Mars como um médico, diretor de escola, professor universitário e reitor, deputado, senador, diplomata, candidato presidencial, ministro de gabinete e autor prolífico que ajudou a estabelecer o Haiti como o precursor no Caribe para reconsiderar as contribuições africanas para a cultura da região (James 453). Além disso, James também coloca o trabalho de Mars em um contexto mais amplo, onde a ocupação dos EUA desencadeou um movimento etnológico (indigenista, noirista) entre a intelectualidade haitiana negra e de cor.

Price-Mars, um descendente de Jean-Baptiste Belley, de acordo com Laurent Dubois, também era descendente de uma longa família de outros haitianos ilustres. Sua obra-prima, *Ainsi parla l'oncle*, publicada em 1928, usou antropologia, história, linguística, musicologia, sociologia e crítica literária para trazer à luz o que ele chamou de cultura negra "indígena" do Haiti, analisou o folclore haitiano e examinou o crioulo como uma língua totalmente formada e elogiou a dívida cultural haitiana com as raízes ancestrais africanas e considerou as ligações haitianas com a África contemporânea. James prossegue afirmando a influência de Jean Price-Mars em futuros intelectuais e escritores haitianos, incluindo Jacques Roumain, Carles Brouard, Francois Duvalier e a totalidade dos movimentos de negritude e nacionalistas negros do Caribe e da África.

Danton também elogia Jean Price-Mars, que desafiou as noções de que as populações negras nas Américas careciam de profundidade/cultura histórica por causa das forças destrutivas da escravidão, bem como ampliou o escopo da pesquisa histórica para incluir as massas rurais haitianas antes que os historiadores marxistas ocidentais começassem a incluí-la em suas narrativas (Danton 166). Segundo Danton, ele também foi o primeiro a estabelecer o estudo do Vodou como uma religião por direito próprio, com base em sua própria teologia, ordena o tempo e o espaço e possui sua própria ética. Assim, essas leituras preventivas fazem parecer que este importante texto é um estudo brilhante dos africanismos na cultura haitiana, o Vodou, um exemplo de estudos subalternos e um trabalho interdisciplinar de investigação religiosa, antropológica e histórica, que foi necessário para validar a maioria haitiana e a raça negra, pressagiando o pensamento noirista, em meio a uma força de ocupação americana racista e brutal.

Com palavras tão elevadas de Winston James, vejamos como minha perspectiva sobre *Ainsi parla l'oncle* pode diferir. Minha interpretação se baseia em uma tradução de Magdaline W. Shannon, publicada pela Three Continents Press. A introdução se esforça para estabelecer o autor como uma refutação das teorias raciais de *Le Bon* histórica, etnológica e biologicamente, enfatizando o passado africano e sua contribuição para a estrutura social haitiana contemporânea, e o vodou como um fenômeno do Novo Mundo e não uma sobrevivência africana. O capítulo

inicial se concentra no folclore e sua importância no conhecimento das massas, bem como suas influências francesas e africanas que compõem *Ti-Malice*, *Ti-Bouqui* e outros personagens em contos populares haitianos. Pode-se ver evidências da defesa do autor da língua crioula/kreyol também, e ele cita uma expressão kreyol da Revolução Haitiana que sobrevive até hoje, um canto na batalha de Vertieres:

Ele também se refere a Romaine, a Profetisa, bem como a "Choucounne" e Oswald Durand, para estabelecer as credenciais literárias, a história e o poder do crioulo para a maioria do povo haitiano. No segundo capítulo, sobre a crença popular, Price-Mars define o Vodou como uma religião com base nos seguintes fatores:

- Todos os seus adeptos acreditam na existência de seres espirituais que vivem em qualquer lugar do universo em estreita intimidade com os humanos cuja atividade eles dominam;
- Esses seres invisíveis constituem um panteão no qual o maior entre eles ostenta o título de Papa ou Grão-Mestre;
- O culto pertencente a seus deuses requer um corpo sacerdotal hierárquico, uma sociedade de fiéis, templos, altares, cerimônias e tradição oral que transmitiu os elementos essenciais da adoração;
- Teologia, um sistema de representação graças ao qual nossos ancestrais africanos explicam os fenômenos naturais.

Também aborda a questão da feitiçaria, bruxaria e magia e discute a presença do catolicismo entre os escravos africanos como algo embutido no *Code Noir*, mas nunca realmente imposto (o proselitismo entre os escravizados parece ter estado na base das prioridades do regime escravocrata), embora tecnicamente o catolicismo fosse a única religião permitida na colônia. Ele cita Moreau de St. Mery para ilustrar que a maioria dos negros na colônia da costa do Congo e Angola, retirados de uma área entre o Cabo Lopez e o Cabo Negro. Essas informações são usadas para estabelecer um pano de fundo sobre a cultura popular haitiana do período da escravidão até o século XX, onde as origens africanas específicas do povo haitiano são necessárias para entender, bem como seu impacto na cultura, religião e resistência escravagistas, que não são separáveis da Revolução Haitiana e do curso da história haitiana. Sua defesa do Vodou como religião também é valiosa, uma vez que a legislação, as missões da Igreja Católica e os olhos internacionais até hoje percebem o Vodou apenas como magia negra, bruxaria, zumbis e superstição selvagem.

REFERÊNCIAS:

FONTES PRIMÁRIAS

Price-Mars. J [1928] Ainsi parla l'oncle suivi de Revisiter l'Oncle. Montre'al : Me'moire d'encrier (2009).

NASCIMENTO. Abdias: Dramas para negros e prólogo para brancos. Rio de Janeiro, em (1961), pelo Teatro Experimental do Negro (TEN).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIAH, Kwame Anthony. Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

APARECIDA DE SOUZA GUILHERME. Juliana. Centro Universitário Claretiano. Historiadora, Professora de História na rede pública e Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana. (2018).

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Sankofa 4 Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BASTIDE Roger 1996 [1967] Les Amériques Noires. Les civilisations africaines dans le nouveau monde. Paris: L'Harmattan: 3e éd.

BARBOSA, Muryatan. A África por ela mesma: a perspectiva africana na História Geral da África (UNESCO). São Paulo: USP/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2012 [Tese de Doutorado em História].

Béchacq, Dimitri, « La construction d'un vodou haïtien savant. Courants de pensée, réseaux d'acteurs et productions littéraires », dans Jacques Hainard, Philippe Mathez et Olivier Schinz (dir.), Vodou, Musée d'ethnographie de Genève, 2008, p. 27-69.

BELLEGARDE-SMITH Patrick et Claudine MICHEL 2006 Haitian Vodou. Spirit, Myth and Reality. Bloomington: Indiana University Press.

BENEDICTO, Ricardo Matheus. As origens africanas da Filosofia. [S.l.: s.n.], 2010, 12 p. BRESCIA DOS REIS, Raissa: Reivindicações pela origem: A apropriação do Egito Antigo pelo discurso pan-africano: Cespuc/Belo Horizonte - n. 20 - 2010.

BULAMAH Rodrigo Charafeddine: O LAKOU HAITIANO E SUAS PRÁTICAS: ENTRE MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS (2013)- <https://doi.org/10.20396/tematicas.v21i42.11035> / Doutorando em antropologia social, PPGAS-Unicamp. DIOP, Cheikh Anta. A origem dos antigos egípcios. IN: MOKHTAR, G. (Org). História Geral da África: A África antiga. São Paulo: Ática/ UNESCO, 1983. Cap. I, 39-70. DOUXAMI, Christine : Afro-Ásia: <https://www.redalyc.org/pdf/770/77002609.pdf>

CAVALLEIRO, Eliane (org). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

CASTOR, S. L'occupation américaine d'Haiti. CRESFED, 1987.

CHARLES, Wilner: INCULTURAÇÃO DA FÉ: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS, CULTURAIS

E RELIGIOSAS DOS AFRO-HAITIANOS/ de Pós-Graduação em Teologia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2023).

DU BOIS, W.E.B. The Negro. University of Pennsylvania Press, 1915. DUNAMA, Behique: "Variações sobre um tema" 15/07/2023.

IPEAFRO. Revista: Bibliografia do Abdias Nascimento. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/personalidades/abdias-nascimento/> Acesso em: 31/08/2024.

FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Juiz de Fora: UFJF, 2006.

FIRMIN, Anténor. (1885), De l'égalité des races humaines, Lib. Cotillon, Paris.

FLORES. Elio Chaves. 2019: JOSEPH KI-ZERBO E CLÓVIS MOURA: TRAJETÓRIAS E HISTORIOGRAFIAS ATLÂNTICAS.

FLORES, Elio Chaves. A nação amada, a nação fustigada: percursos, racionalidades e variações da história comparada. In: Revista de História Comparada, v.9, n. 2, dez, 2015, p. 82-110.

GELEDÉS. (2019) : Memória – Entrevista com Clóvis Moura (1981). Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nacao-afro-brasileira-entrevista-com-clovis-moura/> Acesso em: 30/08/2024.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: ZI-ZERBO, Joseph (Coord.). História Geral da África, vol. 1. Brasília: UNESCO, 2010. pp. 387-401.

JANVIER, Louis-Joseph (1883), La République d'Haïti et ses visiteurs (1804-1882), Paris, Marpon et Flammarion.

KI-ZERBO. Joseph. História da África Negra. 2 Vols. [1972]. Lisboa: Europa-América, 1999.

KI-ZERBO, J. História da África Negra. vol. 1. Portugal: Edições Colibri, 1976 Laurière, Christine, Paul Rivet, le savant et le politique, Paris, Publications scientifiques du Muséum national d'histoire naturelle, coll. « Archives », (2008).

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. In: Revista Estudos Afro Asiáticos, Ano 23, no 1, 2001, p.171-209. Crítica da razão negra. Antígona: Portugal, 2014.

M'BOKOLO, Elikia. África Negra: História e civilizações. Tomo I (Até o século XVIII). Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.

MÉTRAUX, A. Croyances et pratiques magiques dans la vallée de Marbial, Haiti. Journal de la Société des Americanistes. Tomo 42, 1953.

MEAD, Margaret, Sex and temperament in three primitive societies, New York, William Morrow and c. 1935 (Trad. Brasil. Rosa R. Krausz. São Paulo, Perspectiva, 2000)

MOURA, Clóvis. Sociologia do Negro Brasileiro. São Paulo: Ática, 1988.

MULLER, Ricardo G. Teatro, política e educação: a experiência histórica do Teatro Experimental do Negro (TEN) - 1945-1968. In: Congresso Luso-Brasileiro Portugal-Brasil: Memórias e Imaginário. Lisboa, 1999.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: educação e identidade afrodescendente. In: Price-Mars, Jean (1953) : La République d'Haïti et la République Dominicaine, 2 vols. Port-au-Prince: Collection du Tri Cinquantenaire de l'Indépendance d'Haïti.

OLIVEIRA, Fábio Nogueira. Clóvis Moura e a sociologia da práxis negra. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

REIS, Raissa Brescia dos. África imaginada: história intelectual, pan-africanismo, nação e unidade africana na Présence Africaine (1947-1966). Belo Horizonte: 2018. 515 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais; École Doctorale de l'Université de Bordeaux-Montaigne.

FILMOGRAFIA

O Povo Brasileiro - Darcy Ribeiro (Filme Completo). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lDs2f52cbwE> Acessado em 01/09/2024.

Documentário resgata trajetória de Abdias do Nascimento (01/04/2014). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sYLzhTyqt2U> Acessado em 01/09/2024.

EXPOSIÇÃO DRAMAS PARA NEGROS E PRÓLOGO PARA BRANCOS NO INSTITUTO INHOTIM| Arte 1 em Movimento (15/06/2022). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PoEakj0Q2Hg&t=93s> Acessado em 01/09/2024.

Interview historique de Jean Price Mars vs Jean Léopold Dominique (Radio Haïti Inter 1965). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eewZH0291_s Acessado em 01/09/2024.